PARA A EDUCAÇÃO PATRIÓTICA E NACIONAL DOS ITALIANOS NO EXTERIOR: A EDIÇÃO PÓSTUMA DO LIVRO DE LEITURA *O PÁTRIA MIA* DE LUIGI BERTELLI (VAMBA) E A SUA DIFUSÃO NO BRASIL

Anna Ascenzi

Universidade de Macerata, Itália.

Resumo
Com o apoio de rico acervo de documentos e imprensa, o artigo reconstrói a gênese, os conteúdos e os endereçamentos ideológicos e culturais e a diversificada produção editorial, dentro e fora da península itálica, de um dos mais notáveis e longevos livros de leitura para as escolas italianas no exterior no período entre guerras: *O Patria mia* obra póstuma do célebre escritor para a infância Luigi Bertelli, mais conhecido pela vasta plateia de pequenos leitores com o pseudônimo de Vamba. Trabalha-se com a perspectiva nacionalista de Vamba, mas não fascista, a qual foi produzida pelo desejo do editor florentino Bemporad, com certa fascitização dos conteúdos. Apesar disso a obra não foi amada pelo regime, tanto que, na metade dos anos 1930, com a vasta difusão registrada, por exemplo, nas escolas italianas no Brasil, se decidiu por substituí-la com textos ideológica e politicamente mais sintonizados com os endereçamentos do totalitarismo fascista.
Palavras-chave: livros de texto, escolas italianas no exterior, Vamba, Brasil.

PER L'EDUCAZIONE PATRIOTTICA E NAZIONALE DEGLI ITALIANI ALL'ESTERO: L'EDIZIONE POSTUMA DEL LIBRO DI LETTURA O *PATRIA MIA* DI LUIGI BERTELLI (VAMBA) E LA SUA DIFFUSIONE IN BRASILE

Sommario
Sulla scorta di una ricchissima documentazione archivistica e a stampa, l'articolo ricostruisce per la prima volta la genesi, i contenuti e indirizzi ideologici e culturali e la particolare fortuna editoriale registrata, dentro e fuori la penisola, da uno dei più noti e longevi libri di lettura per le scuole italiane all'estero apparsi tra le due guerre mondiali: O Patria mia… degna nutrice delle chiare genti, opera postuma del celebre scrittore per l'infanzia Luigi Bertelli, meglio conosciuto dalla vasta platea dei suoi piccoli lettori con lo pseudonimo di Vamba. L'A. si sofferma sull'originaria impostazione nazionalista ma non fascista dell'opera di Vamba, la quale, all'indomani dell'avvento in Italia del regime mussoliniano, fu sottoposta, per volontà dell'editore fiorentino Bemporad, ad una sorta di 'fascistizzazione' dei contenuti. Malgrado ciò, l'opera non fu mai amata dal regime, tant'è che, alla metà degli anni Trenta, a fronte della vasta diffusione fatta registrare, ad esempio,

nelle scuole italiane in Brasile, si decise di sostituirla con testi ideologicamente e politicamente più in sintonia con gli indirizzi del totalitarismo fascista.
Parole-chiave: libri di testo; scuole italiane all'estero; Vamba; Brasile.

FOR PATRIOTIC AND NATIONAL EDUCATION OF ITALIANS ABROAD: THE POSTHUMOUS EDITION OF THE BOOK *O PATRIA MIA* OF LUIGI BERTELLI (VAMBA) AND IT'S DISSEMINATION IN BRAZIL

Abstract
On the basis of a rich archival and printed documentation, the article reconstructs, for the first time, the genesis, the contents, the ideological and cultural trends and the particular editorial success, in Italy and abroad, of one of the most famous and long-running books for the Italian schools abroad published between the two world wars: O Patria mia…worthy nurse of the clear people, posthumous work by the famous writer for children Luigi Bertelli, better known by the majority of his young readers with the pseudonym Vamba. The Author dwells, in particular, on the original nationalist, but not Fascist, character of Vamba's work, which, after the establishment in Italy of Mussolini's regime, was subjected, as required by the Florentine publisher Bemporad, to a sort of fascistization of the contents. Nevertheless, the work was never loved by the regime, so much that, in the mid-thirties, although its wide spread, for example, in the Italian schools in Brazil, it was replaced with texts ideologically and politically more in line with the fascist totalitarianism addresses.
Key-words: textbooks, Italian schools abroad, Vamba, Brazil.

POUR L'ÉDUCATION PATRIOTIQUE ET NATIONALE DES ITALIENS À L'ÉTRANGER: L'ÉDITION POSTHUME DU LIVRE DE LECTURE *O PATRIA MIA* DE LUIGI BERTELLI (VAMBA) ET SA DIFFUSION AU BRÉSIL

Résumé
En se fondant sur plusieurs sources d'archives et imprimées, l'article reconstruit pour la première fois la genèse, les contenus, les orientations idéologiques et culturelles et le particulier succès éditorial enregistré, en Italie et à l'étranger, par le livre de lecture *O patria mia… degna nutrice delle chiare genti*. Oeuvre posthume de Vamba, pseudonyme du célèbre écrivain Luigi Bertelli, entre les deux guerres mondiales ce livre de lecture fut très connu et utilisé dans les écoles italiennes à l'étranger. L'auteur souligne que, pendant le fascisme, l'originale attitude nationaliste du livre fut alignée à l'idéologie et aux orientations politiques du régime, surtout par volonté de l'éditeur Bemporad. Malgré cela, l'oeuvre ne fut pas appréciée par le régime: dans les années trente, le livre de Vamba fut remplacé par des textes correspondants mieux aux orientations politiques et idéologiques du totalitarisme fasciste.
Mots-clé: manuels, écoles italiennes à l'étranger, Vamba, Brésil.

As vicissitudes de um livro de leitura para as escolas italianas no exterior

Entre 1922 e 1924 o editor fiorentino Enrico Bemporad publicava, em uma excelente edição em três volumes ilustrada com 250 fotografias e reproduções de arte, o livro de leitura para as escolas italianas no exterior *O Patria mia… degna nutrice delle chiare genti*, obra póstuma do célebre escritor para a infância Luigi Bertelli (Bertelli, 1922-1924), mais conheido pela vasta plateia dos seus pequenos leitores pelo pseudônimo de *Vamba*, o qual falecera prematuramente - aos sessenta anos - poucos anos antes, em 27 de novembro de 1920 (Ascenzi, 2008; Barsali, 1967; Faeti, 1973; Faeti, 1977; Boero, De Luca, 1995; Lollo, 1997; Colin, 2005).

Destinado a encontrar, durante os anos 1920 e 1930, uma notável difusão nas escolas italianas no exterior, a ponto de ser novamente reeditado apenas uma década mais tarde (Bertelli, 1932), *O Patria mia* tivera uma história editorial longa e particularmente controversa, como testemunham as vicissitudes que por cerca de uma década haviam retardado primeiramente a sua redação e, depois, a própria publicação.

Uma primeira referência específica à gênese e às características do livro de leitura de fato pode ser encontrada já na carta enviada por Luigi Bertelli ao editor Enrico Bemporad em 9 de julho de 1913, na qual o escritor se mostrava amplamente otimista em relação ao prazo para a publicação:

> Após o encontro de hoje - ele escrevia - no qual lhe mostrei a obra *O Patria mia*… fica entendido que tal obra será publicada em 3 volumes de aproximadamente £. 2. Cada volume poderá também ser vendido separadamente e me comprometo a fazer as devidas supressões, acréscimos ou modificações a tal fim, para que os 3 volumes formem também, cada um, uma obra sozinha e orgânica. Prepararei para 1º de setembro o vol. I de tal obra, de modo que em tal data o senhor o possa imediatamente imprimi-lo. A obra será convenientemente ilustrada como acordamos. Para 1° de setembro também me comprometo a entregar-lhe pelo menos o 1° pequeno volume de História do Renascimento para o 3º ano do Ensino Fundamental, do qual lhe falei em carta anterior, salvo entregar em datas a serem estabelecidas os outros pequenos volumes do curso de história. Ela se compromete a imprimir até Novembro próximo. A História de um nariz; e também o segundo volume do Cinematógrafo poético. (Ascenzi; Di Felice; Tumino, 2008, p. 558)

Na verdade, a questão da redação e publicação de *O Patria mia* estava destinada a complicar-se decididamente devido ao surgimento de um desentendimento entre autor e editor em relação às propostas contratuais apresentadas por este último e julgadas humilhantes, além de totalmente inadequadas, por Luigi Bertelli, o qual, em uma carta a Bemporad datada de 12 de janeiro de 1914, assim se expressava:

> Ela chama a minha atitude de *não amistosa*. Não: é a atitude de um homem que não se deixa humilhar pelas suas ofertas de *modestos subsídios* - e de um pai de família que sente o dever de não confiar nos seus acordos eventuais. Na sua carta de 10 do corrente mês a forma é gentil, mas a substância é a mesma. Somos bons amigos e devemos ter um pouco de confiança recíproca. - E logo acrescenta: Darei ordem de lhe darem 500 liras… desde que entregue o manuscrito de *Patria mia*. À graça daquela reciprocidade!... No seu telegrama a propósito de *Patria mia* Ela invoca o contrato 1914. Este diz precisamente o seguinte: O senhor Bertelli se obriga a ceder à Empresa Bemporad *em condições a serem acordadas*,

> mas em todo o caso num total não excedente a 25% sobre o preço bruto de venda das cópias que forem impressas, a obra intitulada etc. etc. Bem. A condição que eu ponho se refere justamente às cópias que serão impressas. Eu entendo que a 1ª tiragem de *Patria mia* seja de 10 mil cópias e que o valor que me cabe como percentual me seja pago em parcelas de £. 500 no dia 10 de cada mês começando em janeiro de 1915. Com isso, como vê, recuso a acusação que me faz de retardar a minha recuperação pela dificuldade de ter de fazer um contrato. Bastará, em vez, que ela me escreva simplesmente se aceita ou não esta minha condição que é de primeira necessidade para a minha dignidade de homem e para os meus deveres de pai de família. Reservo-me a seu tempo de demonstrar-lhe que esta minha carta, se não na forma, é na substância muito amistosa (Ascenzi; Di Felice; Tumino, 2008, p. 562)

Diante do não cumprimento do acordo econômico com o editor Bemporad, contudo, Luigi Bertelli devia já estar avançado na preparação de pelo menos o primeiro dos três volumes que deveriam constituir a obra *O Patria mia* se, depois de algumas semanas, estabelecia acordos com o amigo e colaborador Orazio Bacci para uma apresentação em grande estilo do "livro para as escolas no exterior" que estava preparando na prestigiada e difundidíssima *Patria e Colonie*, a revista mensal editada em Milão entre 1912 e 1918, "sob os auspícios da Sociedade Nacional Dante Alighieri", dirigida por Francesco Vallardi (Ascenzi; Di Felice; Tumino, 2008, p. 564).

Mais uma vez, entretanto, as condições contratuais propostas por Bemporad teriam levado a um alongamento dos prazos de publicação do livro de leitura para as escolas italianas no exterior, como se evidencia a partir de duas cartas enviadas por Luigi Bertelli ao editor florentino no fim de 1914. Na primeira, datada de 28 de dezembro, o escritor deixava entender que, assim que fosse conseguido um acordo econômico satisfatório, ele poderia entregar o texto "*O patria mia!* reduzido às proporções de um volume para 10 de janeiro próximo" (Ascenzi, Di Felice, Tumino, 2008, p. 565). Na outra, expedida dois dias mais tarde, em 30 de dezembro, Bertelli solicitava a manifestação do editor sobre um plano de publicações a entregar em breve, deixando entender que, na falta de um acordo total e de garantias contratuais precisas, ele não poderia garantir sequer a apresentação de uma versão reduzida do livro de leitura destinado às escolas italianas no exterior:

> Entrando no novo ano, para que eu possa me dedicar aos trabalhos estabelecidos e a outros que lhe proporei, é preciso que ela me confirme com **c**arta da continuação do tratamento que me foi dispensado no passado, continuando a me depositar £. 500 mensais em conta-corrente. Considere que, quando lhe tiver entregado todos os volumes estabelecidos no nosso contrato de 1914 eu lhe terei dado o equivalente a aproximadamente 15 mil liras de trabalho. Isto é:
>
> | | |
> |---|---|
> | Cenas cômicas | £. 1.650 - |
> | Crônica semanal | £. 1.650 - |
> | Dramas comoventes | £. 1.650 - |
> | 4 livros de História | £. 4.000 - |
> | Jardim | £. 6.000 |
> | | £. 14.950 |
>
> E lhe terei dado, além disso, o livro: *O patria mia!* E a *Storia del Risorgimento*, já pronta na Tipografia Alfani e Venturi! A estes, em 1915, poderei acrescentar, se ela quiser, um volume subsidiário de conhecimentos para o 6º ano do Ensino Fundamental e *Una vaga farfalletta*, após o *Ciondolino* que me proponho concluir. Como ela poderá

> facilmente calcular as minhas condições diante da Sua Casa serão, assim, muito melhoradas no próximo ano, com a minha satisfação, não menor do que a Sua. Peço-lhe, porém, uma coisa: responder-me ou fazer com que me respondam logo, devendo garantir a mim e à minha família a continuidade desta brincadeira que se chama vida, também para o novo ano. (Ascenzi; Di Felice; Tumino, 2008, p. 566)

Em janeiro de 1915 foi finalmente estipulado o contrato com o editor Bemporad para a publicação da obra, a qual, segundo os novos acordos, deveria prever não três, mas dois volumes, cada um dos quais destinado a constituir "um texto autônomo […] a ser vendido também isoladamente" (Cópia do contrato editorial para a obra *O Patria mia… degna nutrice delle chiare genti*, datado Florença, 8 de janeiro de 1915, é conservada no Arquivo Histórico da Editora Giunti di Firenze. Localização: ASGF, Fondo Bemporad, b. 16.8.1). Entre as cláusulas mais relevantes do contrato, datado de 8 de janeiro de 1915, constavam:

> 1° - […] O manuscrito de tal livro será entregue pelo autor à Empresa Bemporad até 10 de fevereiro de 1915 oportunamente revisto e reduzido, em perfeita conformidade às condições impostas pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros. 2° - O livro do qual se trata [isto é, o primeiro volume da obra *O patria mia…*] deverá constar de aproximadamente trezentas páginas impressas em formato décimo sexto grande e será ilustrado pela Casa Editora, comprometendo-se o autor a fornecer orientação para a escolha das ilustrações históricas, geográficas, etc. 3° - O volume será posto a venda presumivelmente a duas liras e cinquenta por cópia, mas, de qualquer modo, a Empresa Bomporad reserva-se o direito de lhe atribuir o preço que considerar oportuno […]. 4° - Em correspondência a tal cessão, obriga-se a Empresa Bemporad a reverter ao Sr. Luigi Bertelli o percentual de vinte e cinco por cento sobre o preço de capa de todos os volumes da obra efetivamente vendidos […]. 6° - A Empresa Bemporad fará do livro *O patria mia!* uma primeira edição de cinco mil e quinhentas cópias […]. 8° - Esgotada a primeira edição sem que uma das partes tenha formalmente anunciado a rescisão do presente contrato, entender-se-á de pleno direito confirmado para outra edição e igual número de cópias nas mesmas condições. 9° - O Sr. Bertelli obriga-se a inserir nas próximas edições do livro *O patria mia!* todas as modificações que eventualmente forem necessárias e oportunas, dado o caráter do livro, devido a eventuais modificações político-econômico-social-histórico-geográficas da Itália. (ASGF, Fondo Bemporad, b. 16.8.1)

A esta altura, entretanto, a situação criada com a entrada, nos meses posteriores, da Itália na primeira guerra mundial sugeriu ao editor o adiamento do lançamento de *O Patria mia* à fase imediatamente sucessiva à conclusão do conflito, na convicção - amplamente partilhada pelo próprio Bertelli - de que a guerra, para "a efetivação da Unidade nacional" (ASGF, Fondo Bemporad, b. 16.8.1), seria sem dúvida encerrada ao cabo de poucos meses. Em uma carta enviada a Bemporad em 20 de julho de 1915, a este respeito, o escritor toscano anunciava: "Já efetuei alguns cortes e o livro poderá ser submetido à edição no fim do mês, salvo esperar, como para o volume anterior, a efetivação da Unidade nacional para o último capítulo" (Luigi Bertelli a Enrico Bemporad, Florença, 20 de julho de 1915).

De *O Patria mia* voltaria a se falar somente ao final do conflito. Em uma carta a Bemporad datada de 14 de novembro de 1918, de fato, Luigi Bertelli, após ter formulado uma série de novas propostas editoriais e solicitado a reimpressão de alguns textos editados na fase precedente, concluía a sua declaração avisando o editor: "Um destes dias lhe mando a história do Medievo transcrita a máquina. No mês, a primeira parte de *O patria mia*… que agora preciso realmente apressar" (Ascenzi, Di Felice, Tumino, 2008, p. 571).

Esta é a última referência ao livro de leitura para as escolas italianas no exterior da qual dispomos, pelo menos no que concerne à correspondência entre o escritor e o editor florentino Bomporad. No outono de 1919, contudo, no prefácio à obra *Novelle lunghe per i ragazzi che non si contentano mai*, editada no ano seguinte, Bertelli fazia um rápido aceno ao texto ainda inédito, anunciando aos seus pequenos leitores: "Direi-vos que também preparei um outro livro intitulado *Italia mia!* onde lereis a interessante história de Michelino e dos seus dez metros de pátria em terra estrangeira, algo que vos agradará" (Bertelli, 1920, v. I, p. IV)[1].

Apesar do curioso *lapsus* relativo ao título - *Italia mia!* em vez de *O patria mia* - a alusão a Michelino como a um dos protagonistas da obra atesta, sem dúvida, que é justamente a *O Patria mia* que o escritor toscano faz referência, sendo Michelino o mais vivaz e impertinente dos três filhos do protagonista adulto do livro, o artesão de Lucca, Giovanni Pontini, emigrado "à República Argentina, em uma colônia da província de Santa Fé" (Bertelli, 1922-1924, v. I, p. 6).

Ao anúncio, dirigido diretamente aos seus pequenos leitores, que a redação do novo livro podia ser considerada substancialmente concluída, seguiram-se contudo meses particularmente difíceis para Luigi Bertelli: o repentino agravamento da doença que há tempo se manifestara e que o tinha progressivamente debilitado fisicamente o obrigou, de fato, a diminuir a atividade de escritor e a escassear progressivamente os contatos e as colaborações com a casa editora florentina (Simi, 1920). A morte, chegada como já se lembrou em 27 de novembro de 1920, estava destinada, pelo menos no momento, a anular a própria possibilidade da publicação de *O Patria mia.*

A motivar, dois anos mais tarde, o editor Bemporad a fazer pressões sobre a família do falecido escritor toscano para adquirir e imprimir o manuscrito da obra certamente foi a revitalização das escolas italianas no exterior iniciada no primeiro pós-guerra (Floriani, 1974; Ciampi, 1998; Salvetti, 2002) e, em especial, as novas orientações em matéria de livros de leitura a destinar a tais escolas formuladas por Giuseppe Lombardo Radice, o qual, pouco depois, seria chamado por Giovanni Gentile para presidir a Comissão central para a análise dos livros de texto encarregada de realmente reordenar o setor no âmbito da reforma escolar de 1923 (Ascenzi; Sani, 2005).

Impressa com a autorização da família do autor e sob a direção de Ermenegildo Pistelli, o qual, com o pseudônimo de *Omero Redi* fizera parte desde os exórdios da redação do periódico *Il Giornalino della Domenica* (1906-1911; e 1918-1920), fundado e dirigido pelo próprio Bertelli (Ascenzi, 2006; Ascenzi, 2008), do qual fora um dos colaboradores mais célebres e apreciados (Pistelli, 1923; Pistelli, 1927; Pistelli, 1932), *O patria mia* apresentava, todavia, no terceiro e último volume, aquele dedicado aos fatos

[1] Vamba refere-se ao capítulo do volume III de *O patria mia* intitulado: "No qual Michelino toma posse de seus dez metros quadrados de terra italiana" (p. 113).

civis e políticos italianos mais recentes, uma série de ‘complementos’ e ‘acréscimos’ realizados por Pistelli e por Ferruccio Orsi, que, além de deslocar o termo *ad quem*, isto é, a parte final da narrativa ao período imediatamente successivo à marcha sobre Roma (28 de outubro de 1922), constituíam uma espécie de absurda e embaraçante exaltação da ideologia fascista e do novo rumo político impresso ao país pelo regime de Mussolini (Bertelli, 1922-1924, v. III)[2].

Não surpreende, a este respeito, o grande desconforto expresso em 1924 pelos componentes da Comissão central para a análise dos livros de texto, presidida por Giuseppe Lombardo Radice, devido à opção realizada pelo editor Bemporad de fazer tais consideráveis acréscimos e complementos ao livro de leitura de Luigi Bertelli *O patria mia*:

> Edição bastante digna e simpática - destacava a Comissão Lombardo Radice -. Interessantes as ilustrações, extraídas para a história do Renascimento das coleções pessoais do autor. Ótimos livros de educação patriótica e nacional para as escolas e para as bibliotecas populares, a serem difundidas especialmente nas nossas colônias e no exterior, mesmo porque, na ficção artística em que são enquadrados os fatos históricos, somos transportados a uma casa colonial da América e quem conta e quem escuta são justamente os italianos emigrados. Esta história e esta geografia da Itália contadas por Vamba são realmente um prazer ouvi-las, especialmente a história do Renascimento da qual Vamba tinha competência especial e em relação à qual carregava um ardor raro. É inútil dizer portanto que os livros devem ser lidos, ainda que algumas vezes a matéria, por força enciclopédica, torna mais pesadas as páginas ordinariamente leves do escritor. Há apenas uma ressalva a fazer ao editor, por ter feito atualizar o terceiro volume dos últimos fatos políticos, sem citar o nome do compilador. Vamba morreu há anos, e não era dotado de espírito profético para ditar a visão da marcha sobre Roma; pelo respeito devido ao escritor e ao educador, era oportuno não acreditar ao seu nome as páginas que, embora notáveis pelo sentimento patriótico, carecem de verdadeira e própria estima artística. (Ascenzi; Sani, 2005, p. 341)

[2] Na verdade, ainda mais pesado sob o perfil da instrumentalização ideológica e política da obra do escritor toscano teria se revelado a operação realizada algum tempo depois por Bemporad relativamente a um outro bem-aventurado texto de Luigi Bertelli, *I bimbi d’Italia si chiaman Balilla. I ragazzi italiani nel Risorgimento nazionale*, editado pela primeira vez em 1915, em concomitância com a entrada da Itália na primeira guerra mundial, e reimpresso depois em 1921, poucos meses após a morte do autor, em uma segunda edição corrigida e acrescida, organizada e prefaciada por Ermenegildo Pistelli. No decurso dos quinze anos que vão da segunda metade dos anos Vinte ao fim dos anos Trinta, a pequena obra de Vamba teve outras duas edições: aquela datada de 1928, confiada também esta aos cuidados de Pistelli, o qual, além de 'aumentar' posteriormente o volume, acrescentou um novo prefácio com a intenção de dar crédito à estreita ligação ideal entre os valores e as aspirações da juventude que animara a epopeia renascentista e a enquadrada nas organizações juvenis de massa do fascismo; e a outra, a quarta em ordem temporal, editada em 1936 sempre pela Bemporad, atualizada e anotada por Aldo Valori (o antigo colaborador de Vamba em *Il Giornalino della Domenica* com o pseudônimo de Ceralacca), o qual não deixava de destacar o caráter 'antecipador' representado por *I bimbi d’Italia si chiaman Balilla*, e o papel de verdadeiro e próprio inspirador exercido pelo seu autor Luigi Bertelli, em relação à política juvenil estabelecida após a marcha sobre Roma pelo regime mussoliniano. O processo de ‘fascistização póstuma’, ou seja, de uso instrumental para fins propagandistas e ideológicos, além de comerciais, conduzido nos anos Vinte e Trinta na obra jornalística e literária de Luigi Bertelli/Vamba com a cumplicidade do editor Bemporad e de alguns dos mais estreitos colaboradores do nosso autor, ainda não foi aprofundado de modo orgânico pelos estudiosos de literatura para a infância. Impressiona, entretanto, como tal processo tenha assumido, historiograficamente, um efeito distorsivo, a ponto de condicionar enormemente - como no caso de Antonio Faeti e de outros estudiosos que se moveram no sulco da sua análise - o juízo sobre o escritor toscano e sobre toda a sua produção (Faeti, 1973, p. 244).

Italianos pelo sangue que corria nas suas veias e pelo idioma que revestia o seu pensamento: *O patria mia* e o culto das memórias pátrias em terra estrangeira

Como no início de uma fábula moderna, o exórdio de *O patria mia* tem a consideração de cortar, mesmo temporariamente, as ligações com a vida quotidiana e de arrastar o leitor, quase por magia, a um mundo distante e desconhecido: um mundo com traços exóticos, que, pelo menos, inicialmente parece suspenso entre a realidade e a fantasia. Pouco a pouco, à medida que o olhar se fixa mais intensamente e o ouvido se torna mais atento, todavia, aquele mundo revela a presença de algo profundamente próximo e familiar: o tosco perfil da Itália traçado num velho muro e o doce idioma toscano que surpreendentemente ecoa naquele lugar estranho catapultam o leitor a um microcosmo capaz de representar metaforicamente, e sem nada forçar, a realidade da emigração italiana ao exterior, a experiência de multidões de trabalhadores da península forçados pela necessidade a abandonarem a própria terra e a buscarem a sorte em países distantes:

> Feche os olhos, ó meu pequeno leitor, e me dê a mão. Eu quero, com um daqueles voos fantásticos que alimenta às vezes os nossos sonhos, levá-lo em um instante a uma planície ampla, sem confins, cheia de sol, calma e serena como um lago italiano em um belo dia de verão. Eis-nos. Sabe onde estamos? Na América do Sul, na República Argentina, em uma colônia da província de Santa Fé, a qual tem o nome mais doce da humana linguagem: *Esperança*. Olhe lá em baixo… Uma casa: a única casa que se descortina aos nossos olhos neste deserto alegre, sobre cuja terra a engenhosa mão humana pintou com várias cores grandes quadrados de vegetação diversa, tornando-a um imenso tabuleiro de xadrez. Aproximemo-nos… É uma casa simples, mas de aspecto simpático. […] Ah, olhe lá, na parte exposta a oeste: existe a imagem da Itália traçada sobre o revestimento por mão firme… Quieto!... Dentro há alguém que fala... e fala a língua italiana… e fala de Dante! (Bertelli, 1922-1924, v. I, p. 1)

Na parte inicial da história, Luigi Bertelli apresenta com rápidos mas eficazes traços o ambiente e os protagonistas do seu livro de leitura para as escolas italianas no exterior e, ao mesmo tempo, deixa entrever a peculiar abordagem que ele pretendeu dar à obra. Protagonista de *O patria mia* é o artesão de Lucca Giovanni Pontini, "um homem inteligente emoldurado por uma serrada barba castanha, de aspecto ágil e robusto" (Bertelli, 1922-1924, v. I, p. 6-10). Filho de um escultor e amante da arte, "órfão, sozinho no mundo", Giovanni continuara "a arte paterna, mas com pouco sucesso, por mais que ele lhe dedicasse todo o seu entusiasmo e a sua não comum inteligência" (Bertelli, 1922-1924, v. I, p. 6-10). No fim, esgotado "o pouco dinheiro que seu pai lhe deixou", fora obrigado a emigrar à Argentina e aqui, inicialmente, se adaptara a "vender bustos e pequenas estátuas de gesso, enquanto não encontrava lá um estado melhor" e dar, finalmente, uma virada na sua existência.

No decurso da sua "vida errante de vendedor ambulante" (Bertelli, 1922-1924, v. I, p. 6-10), Pontini conhecera uma compatriota, Elvira, "uma jovem cujo olhar doce e modesto deixara no seu espírito uma profunda impressão", a qual, "órfã desde pequena e sem forma alguma de sustento, fora recolhida em Nápoles, onde nascera, por um daqueles cruéis traficantes de pequenos escravos que, driblando as leis, exerciam livremente a sua

vergonhosa atividade" (Bertelli, 1922-1924, v. I, p. 6). Após tantas peripécias, desafiando "a brutalidade do iníquo explorador", Giovanni Pontini conseguira libertar a jovem, obrigada a viver na pobreza como artista ambulante, das garras do velho cruel e casar com ela.

No fim de um período de vida difícil errante, durante o qual nascera "Guido, o seu primeiro filho", os cônjuges Pontini haviam visto a sua condição melhorar, em virtude dos sacrifícios realizados e do constante empenho no trabalho: "A Giovanni apresentou-se a possibilidade de se empregar em uma grande e promissora agroindústria na província de Santa Fé" e, no arco de alguns anos, com o trabalho inteligente e assíduo aquela "boa família italiana" (Bertelli, 1922-1924, v. I, p. 6) conseguira construir uma casa e criar as condições para uma vida em busca de um modesto mas seguro bem-estar. A tornar ainda mais alegre a vida familiar de Giovanni e Elvira contribuíra a chegada de outros dois filhinhos, Michelino e Marietta.

Após ter oferecido aos seus pequenos leitores, por meio da comovente história de Giovanni e Elvira Pontini e da sua família uma imagem extremamente realista e eficaz das vicissitudes que marcavam a vida dos tantos italianos forçados a emigrar ao exterior, não negligenciando sequer a terrível praga da exploração infantil e da verdadeira e própria redução à escravidão de crianças e jovens órfãos e abandonados, Luigi Bertelli sintetizava no vigoroso e apaixonado ideal patriótico que animava o protagonista do livro de leitura *O patria mia* o sentimento mais autêntico que inspiraria a multidão dos italianos emigrados ao exterior e conotar a sua obra educativa em relação à prole:

> Ó, ele [Giovanni Pontini] jamais esquecera um só momento de ser italiano, nem jamais cessara, embora tivesse sido obrigado a abandoná-la, de amar a Pátria! E queria que neste pensamento e neste amor fossem educados os seus filhos, dos quais o fato de terem nascido em país estrangeiro não impedia de serem italianos, italianos como o pai e a mãe, que tinham dado a sua vida, italianos pelo sangue que corria nas suas veias e pelo idioma que revestia o seu pensamento. E Giovanni, com genialidade totalmente italiana, fazia aparecer de mil maneiras aos seus filhos a Pátria distante e não conhecida por eles, tornando a sua casa uma espécie de galeria dos maiores italianos. (Bertelli, 1922-1924, v. I, p. 10)

Ora, ao lado dos "bustos de argila" e dos "retratos" que eventualmente conseguia reunir "nos cartões-postais e nos jornais que lhe eram enviados da Itália por alguns bons amigos" (Bertelli, 1922-1924, v. I, p. 10), que outro modo Giovanni Pontini tinha para manter vivo em si e transmitir aos próprios filhos "o amor pela Pátria" se não relembrando constantemente, "em uma suave comunhão de lembranças e de sentimentos" (Bertelli, 1922-1924, v. I, p. 10), a memória da grandeza da Itália por meio da narração da sua história e da biografia dos seus melhores homens?

O livro de leitura *O patria mia* era constituído, em grande parte, por uma série de narrativas e discursos feitos por Giovanni aos seus três filhinhos e centrados na vida e nas obras dos grandes italianos e nos principais fatos da história pátria da idade romana ao medievo e à época moderna, até a exaltante epopeia renascentista, à constituição do Estado unitário e aos sucessivos eventos que, entre o século 19 e o século 20, caracterizaram a península.

Discursos pronunciados com linguagem simples e adequada às crianças, aqueles do protagonista do livro de leitura impresso por Luigi Bertelli, ricos em anedotas e curiosidades, continuamente interrompidos pelas perguntas ou pelos comentários e divagações de Guido, Michelino e Marietta; capazes de restituir ao leitor o calor e a vivacidade do lar, mas também de reforçar a verdadeira e própria centralidade do ensinamento paterno e familiar para a educação patriótica da prole:

> Pontini - como sintetizou eficazmente Armando Michieli - é apresentado em uma bela sala, mobiliada com móveis rústicos, a modelar em argila um busto de Dante: provoca assim a curiosidade dos filhos e responde às suas perguntas. Fala da vida e da obra de Dante, aquilo que mais interessa às crianças. […] Na noite seguinte a conversa retoma: agora o pai narra brevemente, seguidamente interrompido pelos filhos, os principais episódios da história de Roma, acenando às figuras mais importantes da vida política, cultural e artística; percorre a Idade Média e chega às Vésperas Sicilianas. Nas noites seguintes fala de Cimabue e Giotto, dos viajantes do séc. XIV, de Leonardo da Vinci, de Leon Battista Alberti, dos artistas do século XV e do século XVI; seguem-se os eruditos, os poetas, os viajantes, os políticos: sempre claros desenhos de figuras, breves narrativas de episódios. (Michieli, 1965, p. 163)

E ainda, com relação ao conteúdo dos dois primeiros volumes de *O patria mia*:

> No séc. XVI, sem uma clara divisão com o seguinte, são lembrados, entre os filósofos, Pomponazzi e Campanella, Giordano Bruno e Lutero; entre os novelistas e os poetas, Berni, Aretino, Caro, Gambara, Stampa e Colonna. Seguem-se os cientistas (Galilei em primeiro lugar, depois Malpighi e Redi) e os viajantes. O capítulo sobre o século XVII começa com os historiadores e os filósofos: Paolo Sarpi e Tommaso Campanella; depois, entre os poetas, Marino, Tassoni e Redi do qual transcreve alguns versos líricos e o soneto *Italia Italia, o tu, cui feo la sorte*. Seguem-se acenos sobre a Arcadia. Entre os artistas, Bernini e Guido Reni, Guercino e Salvator Rosa. […] No século XVIII, os filósofos e os historiadores: em primeiro lugar, Vico e Muratori; entre os poetas, Metastasio e Apostolo Zeno, e, entre os autores de teatro, Goldoni com breves acenos à revolução francesa. […] Explica como a poesia no século XVIII […] se elevasse a um hino de liberdade; primeiro frívola, e dá alguns exemplos disso, depois forte e incitadora com Parini e Foscolo. Lembrados alguns artistas da segunda metade do século XVIII, Pontini sintetiza os fatos políticos da Itália de Carlos VIII às Jornadas de Gênova com o episódio de Balilla. […] Se em todo o livro ressalta a grandeza da Itália, aqui começa a parte mais viva e mais querida a Vamba. (Michieli, 1965, p. 163)

De fato, os capítulos do livro de leitura dedicados à epopeia renascentista e aos fatos que levaram à unificação nacional e à sucessiva proclamação de Roma capital (1870) - destinados a ocupar metade do segundo livro e cerca de um terço do último volume de *O patria mia* - eram aqueles em que se manifestavam de modo mais eficaz o sentimento patriótico e a aspiração de Luigi Bertelli a promover uma vigorosa educação nacional entre os italianos no exterior.

Por meio dos fatos narrados por Giovanni Pontini aos filhinhos nas horas de serão, o autor se detinha sobre os fatos que haviam marcado a história da Itália a partir da idade napoleônica e, depois, após 1815, da fase da Restauração, não deixando de sublinhar as esperanças e as expectativas de Napoleão Bonaparte - “Os Italianos, que já haviam

acolhido as ideias de liberdade e de igualdade proclamadas pela Grande Revolução, acolheram naturalmente com entusiasmo Napoleão" - e, contemporaneamente, o complexo e decisivo papel que este haviam exercido na causa italiana - "homem de gênio! - acrescentou Giovanni. - E os homens de gênio, ainda que levados pelas próprias paixões, deixam sempre um traço de bem na via percorrida" (Bertelli, 1922-1924, v. II, p. 116 e p. 122).

Não por acaso, como ele lembrava, a era napoleônica vira emergir uma nova geração de literatos, historiadores, cientistas e artistas animados por um vivo sentimento patriótico e dos seus destinos:

> Mas não houve astros italianos no período napoleônico? - Perguntou de repente Marietta. - E como! - respondeu Giovanni. - E cito logo oito deles: três grandes poetas, Vincenzo Monti, Ugo Foscolo e Carlo Porta; dois grandes historiadores, Carlo Botta e Pietro Colletta; um grande prosador, Pietro Giordani; um grande cientista, Alessandro Volta; um grande artista, Antonio Canova. (Bertelli, 1922-1924, v. II, p. 127)

Entre eles, sobretudo Foscolo dos *Sepulcros* soubera "fazer vibrar na alma dos Italianos a memória dos grandes antepassados e ressuscitar o culto das memórias", criando as premissas a fim de que a literatura se tornasse "patriótica e romântica, instrumento da reivindicação nacional" (Bertelli, 1922-1924, v. II, p. 134).

Nas páginas seguintes, paralelamente à narrativa das polêmicas literárias entre classicistas e românticos e aos densos e apaixonados perfis dedicados a Manzoni e Leopardi, *O patria mia* repercorria os fatos ligados aos movimentos constitucionais de 1820-1821 e às insurreições de 1831 e de 1848, para chegar, depois, a traçar um vívido e apaixonado perfil de Giuseppe Mazzini e do papel exercido por ele no renascimento nacional; descrição que se concluía com uma verdadeira e própria 'profissão de fé' patriótica em perspectiva mazziniana do autor:

> Se a Pátria é uma religião e se esta religião tem os seus santos, Giuseppe Mazzini, em virtude do sacrifício, da constância de fé, da italianidade do pensamento, da austeridade de vida, ele que jamais mentiu e tanto amou, sofrendo sempre, é o maior santo que devemos venerar! (Bertelli, 1922-1924, v. II, p. 193)[3]

Não menos apaixonados e vibrantes eram os perfis dedicados por Luigi Bertelli a Vitório Emanuel II, o Rei Gentleman, amado por todo o povo e cuja morte prematura foi lamentada, "com verdadeira dor em cada canto da Península" (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 93); e aos outros dois "artífices do renascimento nacional" e do "resgate dos italianos da antiga servidão": Giuseppe Garibaldi, do qual, em uma série de amplas e apaixonantes narrativas, eram descritas as múltiplas ações e os atos de heroísmo realizados primeiramente na América do Sul e, depois, na península, "na qual muitos conspiravam para tornar livre a Pátria" (Bertelli, 1922-1924, v. II, p. 269); e Camillo Benso,

[3] Luigi Bertelli, como é conhecido, era animado por uma profunda fé nas ideias mazzinianas e nos valores da tradição laica e renascentista (Ascenzi, 2008).

Conde de Cavour, capaz de “uma prontidão, uma prudência, uma audácia sem igual em saber extrair da revolução tudo aquilo que era útil ao seu plano: uma monarquia italiana sob a dinastia da Casa Savoia, plano do qual pouco antes de morrer deu início desejando Roma por sua capital” (Bertelli, 1922-1924, v. II, p. 331).

Na totalidade, aquela oferecida por Luigi Bertelli nas páginas de *O patria mia* era uma concepção do Renascimento nacional e do processo de unificação da península especialmente atenta ao papel desempenhado pelas correntes democráticas e à dimensão nacional-popular do processo de unificação da península (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 1), a qual se apoiava em um complexo panteão de ‘pais da pátria’ e se alimentava de gestos apaixonados e episódios gloriosos capazes de suscitar a adesão e o envolvimento emotivo dos jovens leitores:

> Na história do nosso Renascimento - sublinhava concluindo o autor - cada um dos personagens que a ele se consagraram seguiu naturalmente a via que as suas faculdades especiais lhe indicavam, como mais adequada a realizar a própria missão que lhe foi imposta pelos destinos da Pátria. Assim, as conspirações republicanas de Mazzini, a nobre ambição de Vitório Emanuel, o valor notável de Garibaldi e os sutis cálculos de Cavour foram santas energias que libertaram a Itália do jugo estrangeiro (Bertelli, 1922-1924, v. II, p. 326)

Mesmo do controverso período pós-unitário, mesmo sem omitir de lembrar as tantas “páginas dolorosas” que o haviam caracterizado, era oferecido um juízo decididamente positivo e cheio de otimismo, não deixando de destacar os múltiplos progressos realizados e os passos dados na direção de um efetivo crescimento da economia e de uma maior justiça social. Assim, após ter lembrado como, “sob o reino de Humberto I”, o país melhorara “as próprias finanças” e reavivado “o comércio”, consolidando também “a própria unidade interligando com novas linhas ferroviárias as próprias regiões” (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 108), a propósito da Itália atual eram reforçadas as suas enormes potencialidades econômicas e formulados os melhores auspícios pra o futuro próximo:

> A Itália - afirmava-se a respeito - é um país essencialmente agrícola. E está bem assim: no sentido de que as nossas fecundas planícies devem ser objeto de muito cuidado, para que possam frutificar proporcionalmente à bondade do solo e do clima. Mas isto não quer dizer que a Itália, para progredir, para enriquecer, não deva se afirmar também no comércio e na indústria. […] O verdadeiro indicador do poder econômico de uma nação é o comércio externo, porque com ele o país se afirma diante do restante do mundo e participa da grande vida internacional. Ora, o comércio externo é de importação e de exportação. Vocês sabem quanto a Itália, em 1861, importava, ou seja, na época da sua constituição? Apenas o equivalente a vinte e cinco milhões de liras. Em vez, atualmente, o valor das mercadorias de todo tipo importadas aumentou até a… quinze bilhões e setecentos milhões de liras! - E a exportação? De quarenta e um milhões, em 1861, cresceu até a nove bilhões e trezentos milhões, ou seja, aumentou em sessenta e nove vezes. […] As coisas mudaram. A Itália se tornou forte, livre e unida. […] Claro, resta muito a fazer neste campo, mas com a paciência, a criatividade e a coragem, que são próprias da nossa cultura, ultrapassaremos a muitos, que até hoje, com pouca dificuldade, estiveram à nossa frente (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 204)

E a paciência, a criatividade e a coragem eram os dotes que, segundo Luigi Bertelli, deveriam continuar distinguindo os tantos italianos forçados nas décadas precedentes a deixar a península e a tentar a sorte em países distantes, cujo sacrifício não fora estranho ao progresso realizado pelo *Belpaese*:

> Nós - lembrava Giovanni Pontini - saímos da Itália para buscar um país onde menor concorrência se opusesse à livre expansão das nossas energias; mas este fenômeno da emigração, se por um lado é benéfico porque diminui o número dos famintos e dos descontentes que ficariam na Pátria, por outro lado não impede que a população da Itália cresça com grande rapidez. […] Se as coisas continuarem desta maneira, e especialmente se a Itália aperfeiçoar as suas indústrias, tornar-se-á cada vez mais rica […], mesmo continuando a enviar exércitos de trabalhadores a todos os países do globo (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 226)

Tantos pedaços da Itália espalhados em outros continentes!: *O patria mia*: a defesa da identidade italiana e o ideal do bom emigrante

No terceiro e último volume de *O patria mia…* uma série de novos personagens entram em cena para ladear os membros da família de Giovanni Pontini e conferir novo impulso à narrativa das experiências vividas pelos italianos no exterior. Trata-se de outros emigrados da península, cujas diferentes histórias de vida e os diversos perfis de personalidade permitem a Luigi Bertelli afirmar com força a oportunidade da salvaguarda da "identidade italiana" e de traçar uma espécie de perfil ideal do "bom emigrante" (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 188).

Ao lado de Marco Zironda, "um veneziano idoso empregado na *fazenda* e especialmente encarregado dos trabalhos de irrigação, cuja fala dialetal testemunhava o vínculo de imutado afeto que o ligava à cidade natal, havia Francesco Pacella, dito *Ciccillo*, napolitano, e Silvio Pizzirone, um siciliano "que tinha uma bela voz de barítono"; e ainda: Vincenzo Maretto, um piemontês que dispunha de "um grande armazém de peles" e que vivia com a esposa Cristina e dois filhos adolescentes, e Maurizio Bolazzo, um comerciante de origens genovesas "que tinha a sua próspera empresa pouco distante daquela de Maretto" (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 188). Convidados para o almoço em um dia de festa pelos Pontini, manifestam de modo bastante autêntico, com as suas ideias e com os seus comportamentos, o amor e a saudade da pátria-mãe distante:

> Giovanni se empenhava em fazer as honras da casa, ajudado por Guido e por Michelino, enquanto Elvira e Marietta estavam atarefadas na cozinha. E daquele empenho se viu o feito por volta do meio-dia, quando na mesa equipada em meio ao alpendre surgiram três grandes travessas de macarrões fumegantes, aos quais os convidados tanto prestigiaram que as travessas, em pouco tempo, voltaram à cozinha tão brancos e brilhantes que pareciam lavados. Nem menos prestígio foi dado a meio cordeiro assado e bem tostado que foi servido depois e a uma meia dúzia de garrafões de vinho com o qual foram feitos os mais calorosos brindes à Pátria longínqua. Silvio Pizzirone, após comer o prato principal, pôs-se a cantar os mais conhecidos hinos patrióticos com aquela bela voz de barítono que, no sotaque siciliano, adquiria maior força, e *Ciccillo* o

> acompanhou com o violão. Elvira tocou no seu violino uma seleta série de peças de música italiana. E, depois, recomeçou o concerto vocal do qual tomaram parte todos, cantando cada um os cantos populares mais característicos da sua cidade. (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 189)

Para concluir, uma alegre rodada destinada a celebrar a ligação filial à Itália e a reavivar a lembrança da pátria distante:

> E, após o concerto, se recomeçou a discorrer sobre a Itália; e, depois, disparou-se ao ar tiros de fuzil em sinal de alegria. Em suma, o que fora feito e dito naquele dia satisfez a todos de tal forma que surgiu uma proposta: doravante, todos os domingos, se a família Pontini permitisse, se reuniriam para comer naquele lugar levando cada um, naturalmente, a sua refeição. - Após ter trabalhado toda a semana na América - disseram - queremos vir passar o domingo na Itália: querem? - Imaginem só se a proposta foi aceita! […] Assim, nos simpáticos reencontros, que se repetiam com sempre maior satisfação, a conversação encontrava cada vez novos temas com grande deleite e utilidade aos jovens e aos operários. E quanta doce e sincera poesia naquelas reuniões de emigrantes, cada um dos quais trazia no coração um montão de memórias e de esperanças, e representava uma parte daquela Itália que era a mãe comum de todos, inspiradora constante de desejos e de saudades! Eram Genoveses e Sicilianos, Vênetos e Napolitanos, Toscanos, Lombardos e da Emilia Romagna, filhos das montanhas e filhos do mar, jovens e idosos, diferentes nos costumes, dialetos e opiniões, mas todos uniam ao som da palavra Itália um significado de respeito e de adoração filial. (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 224)

No prosseguimento da narrativa, Luigi Bertelli oferece à atenção dos seus jovens leitores outras duas peculiares tipologias de emigrantes italianos ao exterior. É o caso, primeiramente, de Padron Pietro, o mercante genovês “proprietário de um verdadeiro empório, ou *bazar* ambulante” repleto “de fitas, de tecidos, de tesouras, de botões e de facas” (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 198), do qual o autor traça um perfil digno da melhor literatura de auto-ajuda, isto é, capaz de encarnar o modelo ideal do italiano apaixonado pelo seu trabalho e animado por grande confiança nas próprias forças e por autêntico espírito empreendedor, o qual, também em terra estrangeira, se distinguira pela sua honestidade e pela grande humanidade demonstrada para com os outros, que lhe haviam atraído a estima e o respeito de todos, como também pelo desejo de melhorar e a inexaurível paixão nutrida pela pátria distante:

> Aquele mercante era, naturalmente, um Italiano. Um belo tipo de homem com pouco mais de quarenta anos, que *estudara*, e se dizia que tinha até mesmo o ensino médio. É certo que, em vez de apodrecer, como tantos outros, em um entediante e mísero escritório, sabe lá em que cidadezinha dos Alpes, ele tivera a coragem de emigrar à América, com poucas centenas de liras e muita boa vontade, e empregara a engenhosidade e a instrução recebida para cuidar cuidadosamente dos negócios e em fazer-se benquisto por todos. Com o seu ofício ele talvez tivesse se tornado rico; e contudo a sua vida ambulante não o impedia de ler algum livro francês e latino e de aumentar a sua cultura. (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 198)

Ao lado de Padron Pietro, o outro personagem que circula no livro de leitura *O patria mia…* é Bossi, um italiano emigrado à Argentina que, ao contrário dos outros seus compatriotas, parece desinteressado e cético, totalmente impermeável às saudades e aos entusiasmos patrióticos: "um pessimista", define-o Luigi Bertelli, "embora vendo-o, assim redondo e gordo, pareça a pessoa mais feliz deste mundo" (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 225). E o 'pessimismo' ao qual se faz referência é aquele que Bossi manifesta em relação ao progresso da Itália e da própria condição dos tantos compatriotas emigrados em todo o mundo. Ele está convencido, de fato, que a situação do próprio país de origem está destinada a piorar e que o futuro se apresente cinzento, bem como não tem dúvidas sobre o fato de que a condição de quem emigrou ao exterior esteja destinada necessariamente a piorar: "Metade dos nossos camponeses deve emigrar todos os anos por causa da miséria! Quanto mais nascem, mais têm de partir: esta é a verdade!", ele afirma e, depois, com profunda amargura, acrescenta: "A maior parte dos emigrantes evidentemente não se torna rica!", e, contrariamente, "que a emigração italiana seja um quadro de miséria o afirmam também os maiores escritores" (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 227).

Às pessimistas considerações de Bossi, nas quais se refletiam as antigas polêmicas e os mais antiquados lugares-comuns sobre a emigração italiana ao exterior que o autor de *O patria mia…* se propunha denunciar, contrapunham-se as argumentadas e eficazes réplicas de Giovanni Pontini[4], o qual fornecia uma interpretação bem diferente da condição econômica e social dos compatriotas transferidos ao continente americano e do próprio papel que a emigração italiana ao exterior exercera no passado e era chamada a desenvolver no futuro próximo:

> O principal agente de mudança vivo atualmente em Buenos Aires - afirmava o dono da casa - era um jovem rebelde que escapou da Itália *sem um tostão.* Criou juízo, sob o incentivo da necessidade, e se tornou... aquilo que se tornou. O principal cultivador de trigo da República, que possui terras que valem cinquenta ou sessenta milhões de liras, possuía apenas *meia lira*, quando desembarcou neste país. […] Não basta. Humildes engenheiros se tornaram empresários de serviços públicos de fama americana; modestos comerciantes implantaram grandes empresas que custam milhões e dão trabalho a centenas e milhares de operários, quase todos italianos. Ouvi uma pessoa competente dizer que, se as coisas prosseguirem assim bem, em um século haverá na América do Sul cem milhões de Italianos que formarão a classe mais rica e mais desenvolvida desta população. (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 230)

Mas a realização desta peculiar variante do sonho americano - apressava-se a advertir Luigi Bertelli por meio das pacatas e argumentadas reflexões do protagonista de *O patria mia* - não dependia somente da extraordinária atitude dos trabalhadores italianos emigrados ao exterior de "se adaptarem em cada continente a todos os climas e a todas as condições físicas e geográficas". A fim de que a emigração trouxesse amplos e duradouros benefícios e uma constante melhoria das condições daqueles que a haviam empreendido, era necessário que aqueles que estavam vivendo e trabalhando em terra estrangeira encarnassem plenamente os estilos de vida e o patrimônio de valores que haviam tornado grande, historicamente, a população da península. Em outras palavras,

[4] "Aquela que tu tens - dissera-lhe um dia Pontini a Bossi - é uma doença infelizmente muito comum entre nós, e se chama auto-difamação: há muitos Italianos que sentem um prazer ácido em denegrir a si mesmos, a proclamar os defeitos do próprio país diante da virtude dos outros países, a estabelecer sempre entre a Itália e as outras nações comparações humilhantes para ela" (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 266).

tratava-se de tornar próprio e de repropor com força o ideal do “bom emigrante” (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 231), assim como ele viera se delineando por meio do positivo testemunho oferecido por tantos e tantos compatriotas que, obrigados pela necessidade a se transferirem ao exterior, souberam dar o melhor de si e haviam conseguido “manter elevado por toda a parte o nome da Itália”:

> O italiano - sublinhava Giovanni Pontini - é, em geral, sóbrio e levado à poupança, o que o impede de desperdiçar em festins aquilo que pode ganhar. É amante da família e a ela envia periodicamente as suas economias, quando está vivendo sozinho em país estrangeiro. É trabalhador e resistente às dificuldades, […] contenta-se facilmente, fica bem em qualquer lugar e, sempre conservando a memória da Pátria, sabe afeiçoar-se à nova terra na qual trabalha e ganha e mostra-se um digno cidadão. E insisto nestes detalhes para vocês, jovens, porque mais de uma vez poderá acontecer de ouvirem ou de lerem palavras de escárnio ou de desprezo pelos Italianos, calúnias devidas à inveja de algum estrangeiro incapaz de nos superar com as artes lícitas e honestas. […] O Italiano, pela engenhosidade, pelo bom senso e pelo bom gosto natural, supera todos os outros povos que vivem sob o céu! […] E em todo o mundo existem operários italianos e são os mais sóbrios e os mais trabalhadores; por toda parte existem comerciantes e profissionais italianos e são os mais honestos e estimados. Nações inteiras devem a sua prosperidade à emigração italiana. […] É um verdadeiro exército de trabalhadores (duzentos ou trezentos mil ao ano) que se espalha pelo mundo e por toda parte deixa traços e ergue monumentos da capacidade e da engenhosidade italiana. (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 230)

No seguimento de *O patria mia*, quase reforçando a necessidade e a urgência de promover uma sólida consciência nacional na multidão de italianos emigrados ao exterior, Luigi Bertelli narrava a iniciativa particularmente importante iniciada por Giovanni Pontini, a da “escola dominical” (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 264) instituída por ele na sua casa, “na qual os exilados analfabetos não só aprendiam a ler e a escrever, mas também a conhecer e a amar a Pátria; a amá-la ardentemente e altamente honrá-la acima de qualquer coisa, e tê-la sempre no coração, onde quer que se encontrassem pelo mundo”. E a escola progredia esplendidamente, tanto que “a ela acorriam todo domingo emigrantes italianos, mesmo de longe, que se sujeitavam voluntariamente à longa e difícil viagem, porque parecia a todos respirarem, naquela casa hospitaleira, um longo e fresco bocado de ar italiano” (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 264).

E justamente a referência à escola dominical e à formação patriótica dos italianos transplantados à Argentina oferecia a Bertelli a ocasião para propagandear, nas páginas de *O patria mia*…, o operado e as iniciativas promovidas pela benemérita Sociedade Dante Alighieri para a difusão da língua e da cultura italiana no exterior (Pisa, 1995; Salvetti, 1995):

> Todos os frequentadores da escola de Pontini - escrevia Luigi Bertelli - logo se associaram à *Dante Alighieri*, da qual ele tinha, desde o começo, com poucas e claras palavras explicado os patrióticos objetivos. - A *Dante Alighieri* - dissera - é a mais nobre associação da Itália. Ela surgia em 1889, e Ruggero Bonghi foi o seu mais fervoroso defensor, junto com senadores, deputados, literatos e cientistas de todos os partidos. […] O mais elevado objetivo da *Dante Alighieri* é, portanto, agir com todo esforço para fazer com que os filhos da Itália, distantes da Pátria-mãe ou sujeitos a

> outras nações, continuem Italianos. […] E uma tal sociedade não podia ter por patrono senão Dante, a alta personificação da genialidade itálico, o fundador da nossa língua, o maior intelecto do mundo. (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 265)

Quando a Pátria chama: O retorno à Itália da família Pontini

Na parte final de *O patria mia*, a narrativa das histórias dos Pontini conhece uma supreendente virada, com o retorno à Itália da família de emigrantes e a projeção de novas experiências e situações:

> Tenho de vos dizer, agora - anunciava Giovanni aos seus familiares - coisas que chegarão aos vossos ouvidos alegres e tristes ao mesmo tempo. Vejam: aqui, onde eu cheguei pobre... e tu, Elvira, o sabes... após tantas dificuldades finalmente encontrei aberto o caminho da riqueza; e me sorria, meus jovens, a ideia de vos deixar na vida bem fortes e bem seguros contra toda adversidade… Pois bem: agora, justamente no mais belo, eu devo abandonar estes lugares onde encontrei a sorte e onde vivia feliz… Eis uma coisa triste! - Ó Deus.. Mas por quê? - exclamou Elvira recuperando-se do atordoamento no qual a declaração do marido a lançara. - Porque vamos para a Itália! - disse Giovanni. - Verdade? Bem! Viva! - se puseram a gritar os jovens. - E eis algo alegre: alegre também por ti, Elvira, dou-me conta pelos teus olhos que já veem a encantadora festividade da tua bela Nápoles. (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 269)

E a seguir:

> Faltei-lhe, que vos ensinei os deveres que todos temos para com a Pátria - continuava Giovanni -, com o mais sagrado. Não respondi quando ela me chamou sob as armas. Queridos jovens, naquele tempo lutava como um desesperado para manter-me vivo neste mar de tempestades da vida americana. […] Mas agora a Pátria está em guerra, e eu corro a ela para pedir-lhe perdão e oferecer-lhe a minha vida! E eis, meus jovens, uma coisa alegre. - Todos tinham as lágrimas nos olhos: e era tal o tumulto dos vários sentimentos que agitava aquelas almas boas e gentis, que somente Michelino, entre todos, conseguiu articular alguma palavra dizendo: - Pai, se você vai à guerra, eu também vou! - A partir daquele dia todos começaram a se preparar para a partida que se tornou também o tema de todas as nossas conversas. (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 270)

No final de uma viagem de diversas semanas no transatlântico *Garibaldi*, zarpado de Buenos Aires com destino a Gênova, a família Pontini chega finalmente à Itália e aqui Giovanni pode finalmente alistar-se e tomar parte - como "qualquer autêntico patriota" - da guerra ítalo-turca (28 de setembro de 1911 - 18 de outubro de 1912), da qual o livro de leitura para as escolas italianas no exterior forneceu uma reconstrução das diversas fases e dos episódios mais relevantes por meio das cartas enviadas por ele à esposa e aos filhos da frente de batalha (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 287).

No seguimento de *O patria mia…* conta-se como Giovanni, de volta à Itália após a conclusão vitoriosa da guerra africana, "aceitara com entusiasmo o posto que lhe fora oferecido pelo Governo" (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 319) em Tripolitânia, "feliz por poder oferecer agora à sua terra aquela inteligente energia que até então usara em favor da terra estrangeira" (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 325).

Após ter desempenhado “por mais de dois anos” (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 329) o importante ofício com tanta habilidade, prudência e zelo a ponto de ganhar “a estima e a admiração dos seus superiores e o respeito dos subordinados” (BERTELLI, 1922-1924, v. III, p. 330), em maio de 1815, por ocasião da entrada da Itália na primeira guerra mundial, Giovanni deixava Tripoli, sua sede de trabalho, para alistar-se junto com o filho mais velho, Guido, no exército italiano e voltar a defender nos campos de batalha “a honra da Pátria ameaçada” (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 332).

Assim como ocorreu precedentemente no caso da guerra ítalo-turca, por meio das cartas enviadas para casa por Giovanni e por Guido, Luigi Bertelli repercorria em *O patria mia* as etapas mais significativas da experiência italiana no primeiro conflito mundial e os principais episódios patrióticos, narrando, entre outras coisas, o sacrifício dos mártires do irredentismo - Cesare Battisti, Fabio Filzi e Damiano Chiesa -, o gesto heróico do atirador Enrico Toti, a desastrosa retirada de Caporetto e a heróica contra-ofensiva feita pelo exército italiano às margens do rio Piave e, depois, no Monte Grappa, até a desejada vitória final, para celebrar a qual o livro de leitura para as escolas italianas no exterior reproduzia no final o célebre *Bollettino della Vittoria* assinado em 4 de novembro de 1918 pelo comandante máximo do exército italiano, Armando Diaz (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 333).

A volta para casa do veterano Giovanni Pontini oferecia a oportunidade ao autor de *O patria mia* de propor aos seus jovens leitores uma ulterior reflexão sobre o amor pátrio e sobre o significado profundo que o sacrifício bélico adquirira para os italianos:

> Na manhã de 12 de outubro de 1919, enquanto a senhora Elvira e os dois filhinhos tomavam o café da manhã, foram supreendidos com um forte toque de campainha. - É ele! É ele! É o papai! - gritaram as crianças saltando de pé e correndo até a porta. […] Com aquela alegria que não tem palavras se abraçam todos juntos e assim ficam por algum tempo. […] Quando finalmente o grupo se separa, Giovanni balança um pouco e enquanto estica a perna direita para recuperar o equilíbrio, Elvira, que lançou o olhar à perna, dá um grito e empalidece… Novamente se encosta a ele trêmula… […] Mas Pontini já recuperou o controle e, afastando docemente os filhos e a esposa, diz com voz firme: - Vamos, vamos, meus anjos, não se perturbem e não me perturbem neste momento de alegria e agradeçamos a Deus que no-lo concedeu, ao passo que, infelizmente, não o concedeu a tantas famílias… Claro, perdi uma perna, mas garanto a vocês que, com esta de madeira, caminho quase tão bem quanto antes e, como verão, sem bengala. […] A alegria boa e sadia deste homem, forte pela sua firme virtude de italiano, havia prevalecido e, mesmo não dissipando nos seus familiares a dor de vê-lo mutilado, conseguiu consolá-los. […] Giovanni retirou do bolso uma pequena carteira e, abrindo-a, mostrou a medalha de prata ao mérito que as crianças e a mãe beijaram. (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 346)

A narrativa dos fatos imediatamente posteriores ao fim do primeiro conflito mundial culminava com o episódio da ação fiumana de Gabriele D’Annunzio, tão cara a *Vamba*[5], o qual imaginava que o primogênito de Giovanni Pontini, Guido, logo após ter voltado do

[5] Em 1919, como é sabido, Luigi Bertelli se apaixonou pelo episódio fiumano, que celebrou com especial ênfase nas páginas de *Il Giornalino della Domenica*. Após o convite que lhe foi dirigido por Gabriele D’Annunzio (a carta do escritor e poeta de Abruzzo foi reproduzida em *Il Giornalino della Domenica*, vol. VII, n. 44, 19 de outubro de 1919, p. III), entre outubro e novembro daquele mesmo ano, ele se dirigiu a Fiume com Giuseppe Fanciulli para conhecer melhor a situação (Fanciulli, 1919; Fanciulli, 1921).

fronte, tivesse decidido dirigir-se voluntariamente a Fiume, onde se lutava por uma causa santa e italianíssima, e oferecer o seu braço à cidade holocausta, como a chama D'Annunzio, a qual quis a todo custo reunir-se à Pátria-Mãe. Com o chamado a um acontecimento como aquele de Fiume e dos territórios da Dalmácia, que "um tratado assinado desgraçadamente também pela Itália" designava à Ioguslávia - "Não há tratado que dure, ou que dure para sempre, quando contrasta com o sentimento de justiça e especialmente com o de nacionalidade" - (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 350), concluía a versão de *O patria mia* preparada por Luigi Bertelli pouco antes de morrer.

A ela, como já se lembrou, seguiam-se as páginas encomendadas pelo editor Bemporad e predispostas pelo organizador Ermenegildo Pistelli com a colaboração de Ferruccio Orsi, as quais teriam de "atualizar a obra até ao presente" (Idem) e, em especial, adequar o seu espírito e as finalidades "às exigências históricas e políticas" afirmadas no país "de 28 de outubro de 1922 em diante" (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 352), ou seja, após a Marcha sobre Roma e do advento do fascismo.

E, na verdade, a narrativa dos fatos políticos mais recentes e dos últimos acontecimentos relativos à família Pontini, "os simpáticos protagonistas desta narrativa histórica, que nos é apresentada pelo bom e inesquecível *Vamba*", se caracterizava por uma forte marca ideológica e política, a ponto de conferir ao último dos três volumes que compunham o livro de leitura para as escolas italianas no exterior, redigido pelo escritor toscano falecido dois anos antes, um supreendente e embaraçante perfil de instrumento da propaganda de Mussolini à juventude:

> Talvez você não saiba, Giovanni, - interrompe-o Elvira [como reza um diálogo entre os nossos dois protagonistas inserido a posteriori pelo organizador Ermenegildo Pistelli para celebrar o fascismo] abaixando a voz, quase temendo - que há na Itália um partido poderoso e terrível que renega a Pátria, que… - Eu sei, Elvira. Infelizmente o sei! Alguns destes tais, talvez mais idiotas do que maus, estivessem também nas fileiras do nosso exército e fizessem uma venenosa propaganda; e é certo que aquela propaganda contribuiu para a derrota de Caporetto. […] Mas veja, Elvira, um outro partido, se assim se pode chamá-lo, jovem, de generosa audácia e férvido amor pela Pátria, surgiu em defesa daqueles santos ideais que iluminaram a vida de tantos nossos mártires, de tantos nossos heróis, partido, ou melhor, falange sagrada guiada por um homem privilegiado de intelecto, de coragem, de fé, de tenaz vontade. […] - Mas este é Benito Mussolini, o fundador e chefe do Fascismo. - Exatamente. Ele é o homem predestinado do qual a Itália precisava neste momento. Quando a hora chegou, Deus dá sempre aos povos que insurgem ou combatem por uma causa justa, o duce que eles precisam para conseguir a vitória. (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 353)

E, ainda, com relação à nova estação inaugurada com o advento na Itália do regime fascista:

> Pontini, […] após ter assistido, com o espírito torturado pela ira mal reprimida, ao ímpio saturnal bolchevique, viu finalmente a parte do povo que ficou sã naquela onda de loucura, reagir contra as sacrílegas negações e os desonrados ultrajes. […] Assim, para a obra providencial de um homem, ao qual a acuidade do intelecto, a disponibilidade do juízo, a energia na ação, a austeridade no comando, a inflexibilidade do caráter e o vivo e profundo amor pela Pátria conferem extraordinário poder, a Itália, livre finalmente de governantes pávidos ou inertes, de demagogos

> ambiciosos, de políticos charlatães e de multidões de subversivos, talvez mais loucos do que maus, voltava ao culto dos santos ideais como nos tempos mais radiantes do nosso Renascimento e se preparava para realizar no mundo a sua missão afirmada por Dante, confirmada por Giuseppe Mazzini, missão de civilidade e de glória, da Roma imortal. (Bertelli, 1922-1924, v. III, p. 365)

Um final, aquele acima mencionado, que, se de um lado justifica, pelo menos em parte, a extraordinária sorte encontrada por *O patria mia* no decorrer dos anos Vinte e Trinta nas escolas italianas no exterior, por outro atesta a verdadeira e própria alteração, perseguida por meras razões comerciais pelo editor Bemporad e pelos seus colaboradores, do ideal de educação nacional e de promoção do amor pela pátria entre os jovens, perseguido com profunda coerência por Luigi Bertelli em todo o decurso da sua vida e testemunhado pelas vívidas páginas do periódico *Il Giornalino della Domenica* (1906-1920) e pelos seus numerosos e celebrados escritos - relatos, romances, textos escolares, etc. - destinados à infância e à juventude (Ascenzi, 2008).

O destino de *O patria mia*: nas escolas italianas no exterior: o caso do Brasil

Editados entre 1922 e 1924, como já se lembrou, os três volumes do livro de leitura para as escolas italianas no exterior de Luigi Bertelli *O Patria mia… degna nutrice delle chiare genti* tiveram uma tiragem inicial de 5.500 cópias ao ano, passando, depois, na segunda metade dos anos 1920, a 3.300 cópias e, após a realização da nova edição "com um conjunto de ilustrações, revisão e atualização diferentes" (Bertelli, 1932) efetuada por Bemporad uma década mais tarde, em 1932, aos cuidados de Ettore Allodoli (Bertelli, 1932), a 2.500 cópias ao ano[6].

Imediatamente adotado nas escolas das colônias e naquelas italianas instituídas nos países em que estavam presentes comunidades de imigrantes provenientes da península, *O Patria mia…* de Luigi Bertelli conheceu, sobretudo, no Brasil (Barausse, 2015) um notável sucesso, figurando entre os livros de leitura mais utilizados nas últimas séries do Ensino Fundamental[7]. Ainda em 1933, por exemplo, o livro de Luigi Bertelli figurava entre os adotados na escola italiana de Rio de Janeiro - junto com a *Storia dei Mille* de Giuseppe Cesare Abba, *Le mie prigioni* de Sivio Pellico e as obras de Anna Errera sobre Giuseppe Garibaldi e de Giuseppe Ernesto Nuccio sobre a epopeia garibaldina na Sicília (Abba, 1932; Pellico, 1931; Errera, 1923; Nuccio, 1930) - para o ensino da história pátria e como principal texto de referência nas leituras para desenvolver o sentimento nacional[8].

A partir da segunda metade dos anos 1930, contudo, a acentuação da restrição totalitária operada pelo regime de Mussolini sobre a editoria escolar (Ascenzi; Sani, 2009) e, em especial, a potencialização do processo de fascistização das escolas italianas no exterior (Salvetti, 2002) levaram o Ministério da Educação Nacional a pedir uma profunda

[6] Os dados sobre as tiragens de *O patria mia…* são extraídos do *Elenco copie volumi autore "Vamba-Bertelli" anni 1918-1945* (datilografado) anexado à carta enviada pelo advogado Piero Calamandrei, em nome da viúva Bertelli, à Editora Bemporad e datada Florença, 6 de agosto de 1936, atualmente em ASGF, Fondo Bemporad, b. 16.8.1.

[7] Arquivo Histórico Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros - Asmae - Arquivo Escolas 1923-1928 e 1929-1935, em especial a documentação contida nos envelopes relativos às escolas italianas no Brasil.

[8] SCUOLE ITALIANE ALL'ESTERO - Rio de Janeiro (Brasile) - Anno scolastico 1933 - XI - *Programma didattico particolareggiato per la Terza classe mista*; ID. - *Programma didattico particolareggiato per la Quarta classe mista*; ID. - *Programma didattico particolareggiato per la Quinta classe mista*. in: Asmae, Archivio Scuole 1929-1935, b. 786.

revisão dos livros de texto em uso nas escolas ativas fora dos confins nacionais. É neste cenário que se situa a decisão da editora Bemporad, que já deliberara o início de uma nova edição "atualizada e ricamente ilustrada" do livro de leitura *O Patria mia… degna nutrice delle chiare genti* de Luigi Bertelli - a terceira em ordem temporal, após aquelas de 1922-1924 e de 1932 - de renunciar ao planejado e de apostar nos livros de texto produzidos em época mais recente e mais convenientes do que "a patriótica obra de *Vamba*" (ASGF, Fondo Bemporad, b. 16.8.1) - pensada e redigida em época pré-fascista e inspirada em grande medida nos ideais de marca renascentista de Mazzini do nacionalismo do primeiro pós-guerra, mais do que na ideologia de Mussolini[9].

Referências

ABBA, Giuseppe Cesare. *Storia dei mille, quattordicesima edizione illustrata*. Firenze: Bemporad, 1932.

ASCENZI, Anna. Per educare la gioventù della nuova Italia: Luigi Bertelli giornalista e scrittore per l'infanzia tra eredità risorgimentale e costruzione di una nuova coscienza etico-civile (1860-1920). In: ASCENZI, Anna; DI FELICE, Maila; TUMINO, Raffaele (eds.). *Santa Gioventù!* Lettere di Luigi Bertelli e dei suoi corrispondenti (1883-1920). Macerata: Alfabetica, 2008, p. 13-43.

ASCENZI, Anna. Lettere a Vamba. Il Giornalino della Domenica nei rapporti epistolari tra Luigi Bertelli e i suoi collaboratori. *History of Education & Children's Literature*. Macerata: Eum, v. I, n. 1, 2006, p. 317-362.

ASCENZI, Anna; DI FELICE, Maila; TUMINO, Raffaele (eds.). *Santa Gioventù!* Lettere di Luigi Bertelli e dei suoi corrispondenti (1883-1920). Macerata: Alfabetica, 2008.

ASCENZI, Anna; SANI, Roberto (eds.). *Il libro per la scuola tra idealismo e fascismo*: L'opera della Commissione centrale per l'esame dei libri di testo da Giuseppe Lombardo Radice ad Alessandro Melchiori (1923-1928). Milano: Vita e Pensiero, 2005.

ASCENZI, Anna; SANI, Roberto. *Il libro per la scuola nel ventennio fascista:* la normativa sui libri di testo dalla riforma Gentile alla fine della seconda guerra mondiale (1923-1945). Macerata: Alfabetica, 2009.

BARAUSSE, Alberto. The construction of national identity in textbooks for Italian schools abroad: the case of Brazil between the two World Wars. *History of Education & Children's Literature,* v. 10, n. 2, 2015, p. 425-461.

BARSALI, Mario. Bertelli Luigi (Vamba). *Dizionario Biografico degli Italiani*. Roma: Istituto dell'Enciclopedia Italiana, 1967, p. 494-499.

BERTELLI, Luigi (Vamba). *Novelle lunghe per i ragazzi che non si contentano mai*. Firenze: Bemporad, 1920, 2 voll.

BERTELLI, Luigi (Vamba). *O patria mia…* degna nutrice delle chiare genti. Firenze: Bemporad, 1922-1924, 3 voll.

BERTELLI, Luigi (Vamba). *O patria mia… degna nutrice delle chiare genti:* nuova edizione riveduta ed aggiornata a cura di Ettore Allodoli. Firenze: Bemporad, 1932.

BOERO, Pino; DE LUCA, Carmine. *La letteratura per l'infanzia*. Roma-Bari: Laterza,1995.

[9] Em uma carta enviada a Giuseppe Bertelli pela direção administrativa da Editora Bemporad e datada Florença, 1 de setembro de 1943 (atualmente em ASGF, Fondo Bemporad, b. 16.8.1.), comunicava-se que "do volume 'O Patria Mia' tínhamos há algum temo decidido a sua reimpressão que, depois, foi suspensa por diversas razões". A história da não reimpressão de *O Patria mia…*, do que conseguimos entender a partir de outras referências contidas na correspondência entre a editora florentina e os herdeiros de Luigi Bertelli, deveria ser situada entre o outono de 1937 e os primeiros meses de 1938.

CIAMPI, Gabriella. Le scuole italiane all'estero. In: PELLEGRINI, Vincenzo (ed.). *Amministrazione centrale e diplomazia italiana (1919-1943):* fonti e problemi. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1998, p. 115-122.

COLIN, Mariella. *L'âge d'or de la littérature d'enfance et de jeunesse italienne*. Caen: Presse Universitaires de Caen, 2005.

ERRERA, Anna. *Garibaldi. Facile biografia*. Firenze: Bemporad, 1923.

FAETI, Antonio. *Guardare le figure*: gli illustratori italiani dei libri per l'infanzia. Torino: Einaudi, 1973.

FAETI, Antonio. *Letteratura per l'infanzia*. Firenze: La Nuova Italia, 1977.

FANCIULLI, Giuseppe. Ieri e oggi (Tornando da Trieste). *Il Giornalino della Domenica*. Firenze: Bemporad, v. VII, n. 48, 16 novembre 1919, p. 1-2.

FANCIULLI, Giuseppe. Vamba a Fiume. *Il Giornalino della Domenica*. Firenze: Bemporad, v. I, 27 novembre 1921, p. 2-3.

FLORIANI, Giorgio. *Scuole italiane all'estero:* cento anni di storia. Roma: Armando, 1974.

LOLLO, Renata. *Sulla letteratura per l'infanzia*. Brescia: La Scuola, 1997.

MICHIELI, Armando. *Vamba*. Brescia: La Scuola, 1965.

NUCCIO, Giuseppe Ernesto. *Picciotti e garibaldini*: romanzo storico sulla rivoluzione del 1859-60. Firenze: Bemporad, 1930.

PELLICO, Silvio. *Le mie prigioni*. Firenze: Salani, 1931.

PISA, Beatrice. *Nazione e politica nella Società Dante Alighieri*. Roma: Bonacci, 1995

PISTELLI, Ermenegildo. *Eroi, uomini, ragazzi*. Firenze: Sansoni, 1927.

PISTELLI, Ermenegildo. *Le memorie di Omero Redi*. Firenze: Bemporad, 1932.

PISTELLI, Ermenegildo. *Le Pìstole d'Omero*. Firenze: Bemporad, 1923.

SALVETTI, Patrizia. *Immagine nazionale ed emigrazione nella Società Dante Alighieri*. Roma: Bonacci, 1995.

SALVETTI, Patrizia. Le scuole italiane all'estero. In: BEVILACQUA, Pietro; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (eds.). *Storia dell'emigrazione italiana:* arrivi. Roma: Donzelli, 2002, p. 535-549.

SIMI, Renzo. Perché tutti sappiate. *Il Giornalino della Domenica*, Firenze: Bemporad, v. VIII, n. 49, 5 dicembre 1920, p. 1.

ANNA ASCENZI é professora titular de Teoria e História da Literatura Infantil no Departamento de Ciências da Formação, dos bens culturais e do turismo da Universidade dos Estudos de Macerata, onde dirige o Centro de documentação e pesquisa sobre a história do livro escolar e da literatura infantil e o Museu da Escola Paolo e Ornella Ricca.
Endereço: Dipartimento di Scienze della formazione, dei beni culturali e del turismo - Università degli Studi di Macerata - Piazzale Luigi Bertelli, n. 1 - 62100 Macerata - Italia.
E-mail: anna.ascenzi@unimc.it.

Recebido em 26 de outubro de 2016.
Aceito em 14 de novembro de 2016.